Tarô, vidência ou interpretação?

Apresentação de
Constantino K. Riemma

março.07

Quais dons?

- Antes de discutir o ponto central – a dança entre a vidência e o trabalho intelectual – podemos lembrar de alguns outros nomes de dons humanos envolvidos na utilização do tarô:
  - experiência,
  - conhecimento, estudo,
  - criatividade, expressão artística,
  - sensibilidade, sensitividade,
  - intuição, paranormalidade, mediunidade...

- E não podemos esquecer das inúmeras utilizações práticas das cartas nos últimos séculos:
  - jogos e diversões, passatempos,
  - artes, montagens, espetáculos de mágica
  - carteado para apostas em dinheiro,
  - "up-grade" do ler a sorte pelas mãos,
  - cartomancia, magia operativa,
  - aconselhamento, terapia,
  - livro esotérico, mutus liber...

- O assunto se mostra extenso, mas podemos ensaiar um vôo rápido por algumas situações típicas, a título de aquecimento e para constatar que vidência é tema parcial no mundo das cartas...

J.B-Siméon **Chardin** (Paris, 1699-1779)

- Dons exigidos:
  - habilidade manual, criatividade,
  - gosto pelo teatral, pela exibição, pela encenação surpreendente,
  - representar novos papéis, ser o centro de atenções,
  - o blefe faz parte da arte,
  - dar asas à imaginação
  - (quase sem qualquer “contra-indicação”!)...

Passatempos ("solitaire")

- Envolve
  - exercitar o pensar, a inteligência,
  - desafiar a si mesmo, superar barreiras e dificuldades,
  - lazer sem depender de parceiros,
  - reforço ao isolamento...

Jogos de baralho, como lazer em grupo

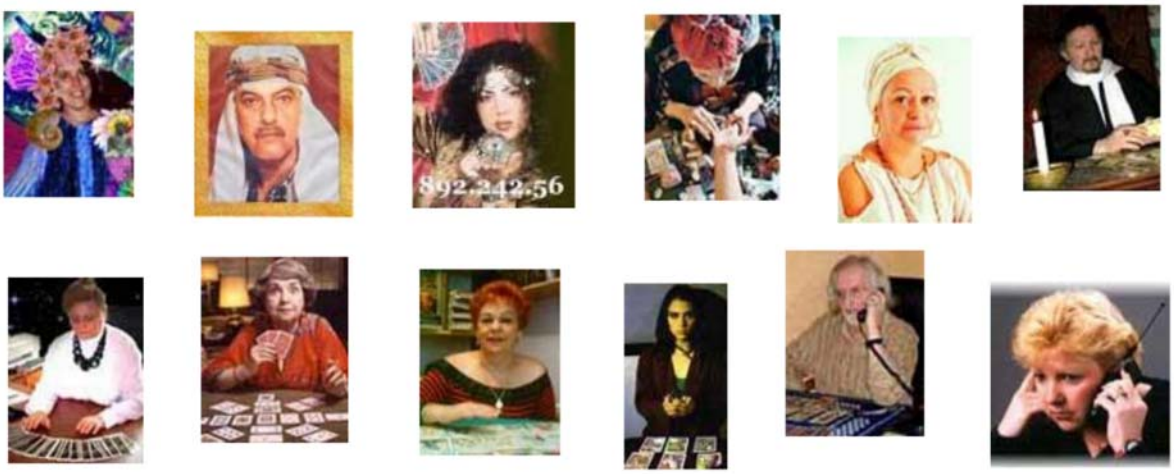
- Como nos esportes de empenho físico, pressupõem:
  - satisfação psicológica e social por competir e vencer,
  - formação de parcerias, apoio mútuo, sociabilidade, aplicação de estratégias e inventividade,
  - capacidade de esconder e de lidar com as emoções,
  - o faz-de-conta e o blefe
  - adoção eventual de "os fins justificam os meios"...

- Intensificam certos traços dos jogos de lazer e se aproximam do jogos do poder:
  - excitação, prestígio psicológico e social pelos ganhos materiais obtidos na “gerra” contra os concorrentes,
  - inteligência, estratégia, esperteza, o blefe como norma,
  - muitas vezes, um vale-tudo em que o importante é ganhar, sejam quais forem os meios...

Ler a sorte, num cenário popular

- Aqui também diferentes dons se misturam:
  - vidência, paranormalidade, sensitividade,
  - encantamento pelo destino, pelo mundo invisível,
  - exercício do poder divinatório e mágico (real ou não),
  - performance, dom de ser convincente, exercer autoridade e obter prestígio, com ou sem blefe,
  - meio para ganhar a vida, seja de modo ético ou não...

Cartomancia, num cenário mais reservado



- Seus atributos são paralelos aos do “ler a sorte”
  - aplicação de dons de vidência,
  - gosto pelo jogo de acertar o futuro, exercício do poder divinatório (real ou não),
  - vestir-se de modo inusitado para representar papéis de mago, de ocultista, bruxo e até blefar,
  - meio para ganhar a vida, com ou sem ética...

- Herança dos antigos atributos do poder religioso-sacerdotal:
  - promover a tomada de consciência,
  - indicar ou realizar os caminhos da cura,
  - descobrir as dinâmicas pessoais, psicológicas, familiares e sociais,
  - gosto pelo exercício do papel de orientador, sábio, velho mestre,
  - obter remuneração,
  - riscos de presunção, magister dixit e blefes...

- Pretende alcançar oitavas superiores às dos cartomantes e às dos terapeutas, dispensa a vidência mas envolve, no fundo, os mesmos desafios humanos:
  - promover a tomada de consciência espiritual, cósmica,
  - descobrir os caminhos da cura e regeneração da alma,
  - gosto pelo exercício de papéis sacerdotais de
    - orientador, sábio, mestre,
    - presidir rituais na condição de mago, esconjurador, acionador de processos astrais,
    - teatralização, uso de trajes e adornos inusitados, objetos mágicos,
    - obter remuneração material ou outra,
    - riscos de exacerbação do ego, blefes e enganos fatais...

- Neste vôo panorâmico pelos atributos humanos envolvidos nos usos particulares do baralho, foram cometidos alguns deslizes intencionais:
  - não foi feita uma distinção qualitativa entre as diferentes modalidades de uso do baralho,
    - nem do grau de conhecimento e do nível ético dos usuários;
  - não se levou em conta a fragmentação do tarô
    - em arcanos, baralho "comum", lenormand-cigano;
  - e as afirmações foram apenas lançadas, sem fundamentação.
- Não vamos nos deter neste cenário em aberto, por não ser o objetivo central desta exposição, mas fica o convite aos participantes do Simpósio para encaminharem seus comentários e observações ao Clube do Tarô.

- Há uma antítese coletiva na relação com tarô, que se torna clara nas aulas destinadas aos iniciantes.
  - De um lado, há o reconhecimento de uma linguagem simbólica que pode ser estudada e compreendida
  - e, de outro, revela-se um obscuro temor, de estar tocando em searas dúbias, coisas de bruxas(os), que envolvem manipulações perigosas da alma humana.
    - É freqüente os iniciantes manifestarem preocupação com a gravidade do que irão dizer numa futura leitura de cartas, mesmo quando a pessoa se mostra comunicativa e dá habitualmente palpites para todos os que se encontram ao seu redor!
- Podemos ler esse fato como um indício da ambigüidade dos condicionamentos culturais (egrégoras, arquétipos),
  - mas também como uma possível mobilização de seriedade suscitada pelas cartas!

- Essa dicotomia entre o estudo metódico dos símbolos e a revelação do oculto por vias psíquicas, inconscientes, não constitui uma conseqüência da vida moderna.
  - Basta lembrar o Oráculo de Delfos (1100 a.C):
    - a captação ficava a cargo das pitonisas, em transe,
    - enquanto que a tradução das mensagens constituía atributo dos sacerdotes.
- Esse exemplo pode ser entendido como uma indicação de que, na função oracular, a vidência deve submeter-se à qualificação do conhecimento e da experiência.
- Os tarólogos e cartomantes modernos tentam reunir as duas funções, mas a gradação e combinação entre intuição psíquica e o saber consolidado pela experiência são, na prática, extremamente variados.

- Para tentarmos entender o dom intuitivo que se encontra fortemente associado ao uso do baralho, em particular no campo da cartomancia, algumas idéias podem servir de apoio:
  - a Lei de Três,
  - a Quadruplicidade
    - os elementos e os temperamentos.

- Na visão ocidental, cristã, o homem é constituído de
  - espírito (nível superior) meta dos sábios, dos sacerdotes e buscadores, dos religiosos em geral,
  - corpo (nível material), o assunto implacável e em nossas vidas,
  - alma (nível intermediário) mundo do psicológico, do emocional, dos desejos e anseios;
    - retratada nas artes, nos espetáculos coletivos,
    - e estudada pela psicologia e pela astrologia.
- Tudo indica que quando falamos de dons, como vidência, mediunidade, sensitividade, estamos na maior parte das vezes focando esse nível do meio.

- Corpo e Espírito: dois círculos que não ultrapassam o centro do outro.
  - A Alma – área de intersecção entre os dois círculos (mandorla) – representa o nível intermediário do Homem,
  - ou seja, não é em si nem o puro Espírito nem a base orgânica, que temos em comum com os demais seres vivos;
  - constitui o espaço de entrelaçamento das duas naturezas: a celeste e a terrestre.

O trigrama (I Ching) fala de um outro ângulo desse mesmo princípio: o Homem, linha média, cumpre a função de unir o Céu e a Terra.

- Um importante fator de diferenciação entre os seres é dado, em grande parte, pela distribuição desigual dos atributos essenciais ou tipos:

Elemento	Naipe	Temperamento	Nome moderno para o tipo
fogo	paus	colérico	intuição (inspiração)
terra	ouros	melancólico	sensação
ar	espadas	sanguíneo	pensamento
água	copas	fleumático	sentimento

- Algum desses tipos teria prevalência sobre os demais quanto à intuição, sensitividade, vidência?

- Se admitirmos a quadruplicidade de canais ou veículos para a captação da realidade sutil podemos afirmar que cada tipo ou temperamento tem sua especialidade intuitiva
  - paus, fogo: inspiração, revelação, arrebatamento,
    - estímulo para colocar em ação e superar;
  - ouros, terra: convicção confirmada pela sensação, pelo grau de substancialidade, do sentir no corpo
    - estímulo à persistência e a concretização;
  - espadas, ar: lampejo, insight, revelação pelas palavras e idéias;
    - estímulo para conhecer e prever;
  - copas, água: visões, sentimentos, pressentimentos;
    - estímulos para o acolhimento e a doação.

- O interesse pela pelo tema da intuição/ conhecimento depara-se com duas frentes de estudo:
  - compreender melhor as características de cada tipo isoladamente e o efeito de suas combinações;
  - descobrir os caminhos para educar, desenvolver, integrar esses diferentes dons que, por permanecerem num estado apenas potencial, infantil, são quase sempre negados, desconsiderados.
- A plena superação da aparente dicotomia entre intuição e compreensão não se faz de modo súbito
  - passa necessariamente pelo intercâmbio entre os que buscam na mesma direção,
  - e a persistência no tempo tem seu papel a cumprir.

- Na verdade, não precisamos criar sistemas ou inventar máquinas sofisticadas para harmonizar os diferentes conhecimentos.
  - A Idade de Ferro não dispõe de recursos para tanto.
  - A nossa possível salvação depende do encontro de legados da Idade de Ouro – como é o caso das linguagens simbólicas – que nos estimulam a decifrar seus ensinamentos.
- O Tarô, muitos sentem assim, faz parte dessa corrente de transmissão que ainda resiste, em certa medida, à corrosão dos tempos sombrios.
  - Seria um dos Mutus Liber ao nosso alcance, com símbolos que nos alimentam com impressões sutis, indispensáveis para dar um norte à aspiração de busca daquilo que se encontra além da nossa visão imediata.

1º Simpósio de Tarô de São Paulo

31.março.2007

Clube do Tarô

www.clubedotaro.com.br

constantinokr@clubedotaro.com.br